

PREFÁCIO

CUIDAR DOS IDOSOS É UMA NECESSIDADE DA CONSCIÊNCIA

Eduardo Duque

*Professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais
da Universidade Católica e membro do CECS-Universidade do Minho*

O título deste prefácio não revela toda a riqueza na extensão e profundidade que requerem os dois termos da afirmação: “cuidar dos idosos” e “necessidade da consciência”. Desde logo, porque o ato de cuidar de outrem envolve a pessoa toda e a questão da consciência implica a sua dimensão subjetiva e objetiva. Sabemos que a bondade de uma determinada ação não depende somente da reta intenção de quem a pratica, mas também da bondade objetiva da ação que é realizada.

É na articulação e no debate desta constelação de ideias que este livro pretende contribuir ao aprofundar temas que analisam o processo do envelhecimento a partir de diferentes perspetivas, não obstante todas elas apontarem para a dignidade da pessoa idosa.

O envelhecimento pode ser compreendido e analisado sob diferentes prismas, mas ninguém duvida de que se trata de um processo multifatorial resultado de diferentes confluências, quer diretas, como é o caso da diminuição da mortalidade e o aumento da esperança média de vida, como indiretas, como a melhoria das condições de vida, dos hábitos generalizados de higiene e da eficácia das medidas preventivas.

Percebe-se, assim, que os fatores interatuantes no envelhecimento são de ordem muito diversa, que vão desde os genéticos e psicológicos aos ambientais e sociais e todos eles, agindo em conjunto ou individualmente, têm a capacidade de modificar o curso da nossa vida.

De acordo com as estatísticas, a nossa sociedade está a experimentar uma alteração demográfica sem precedentes, realidade que implica grandes mudanças sociais, económicas e assistenciais.

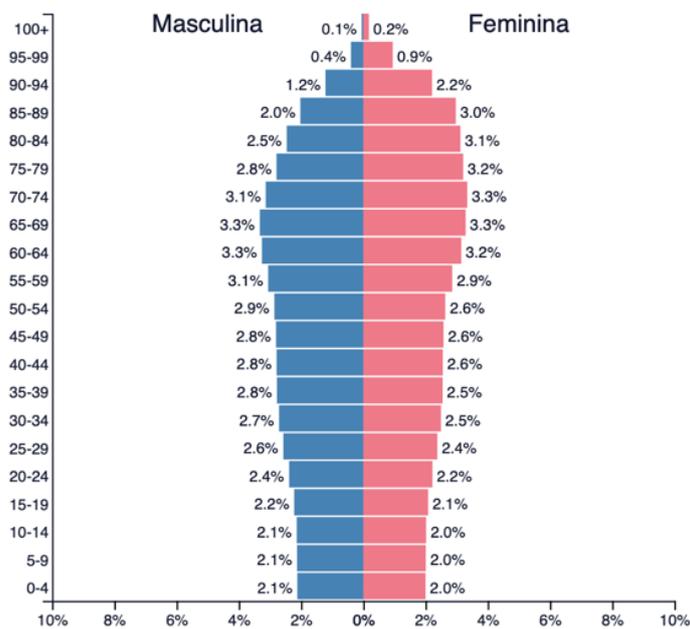
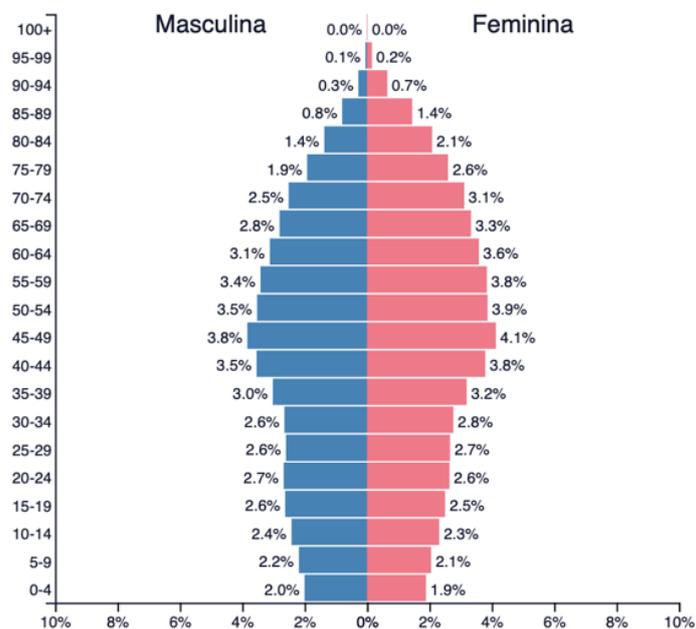
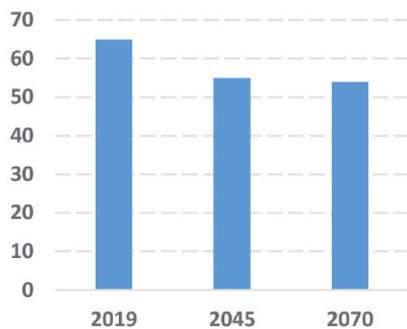
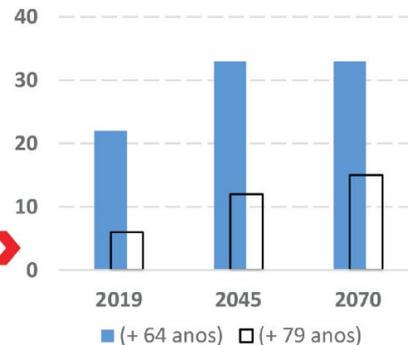


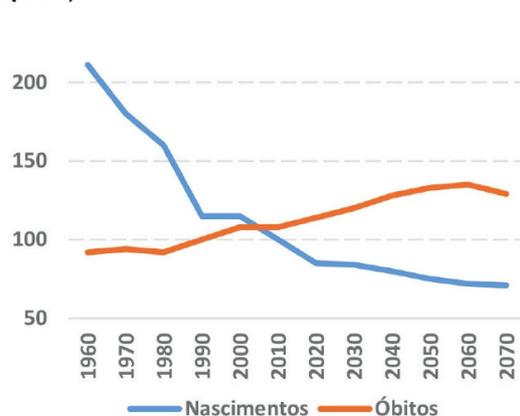
Figura 1: Pirâmides etárias da população residente em Portugal, com dados retirados do site www.populationpyramid.net/pt para os anos de 2020 e 2070, com a população de 10.167.922 e 7.963.951 de habitantes, respetivamente.



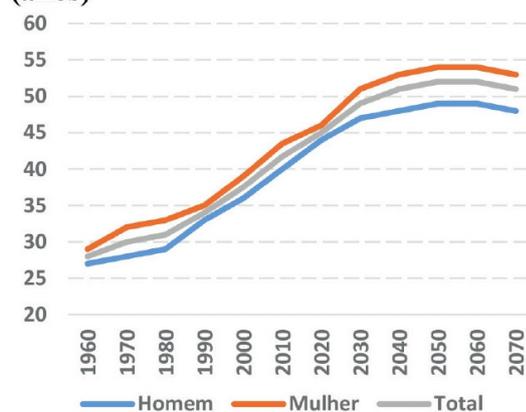
Redução da população em idade ativa e aumento do envelhecimento



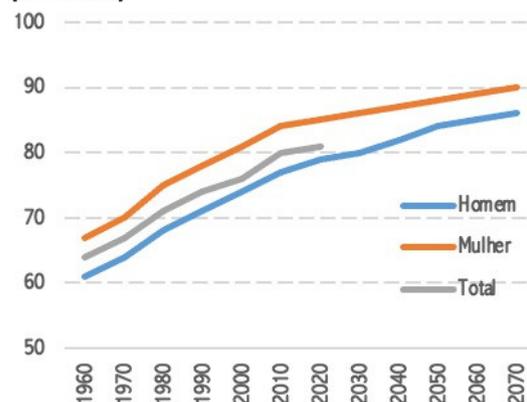
Nados-vivos e óbitos ('000)



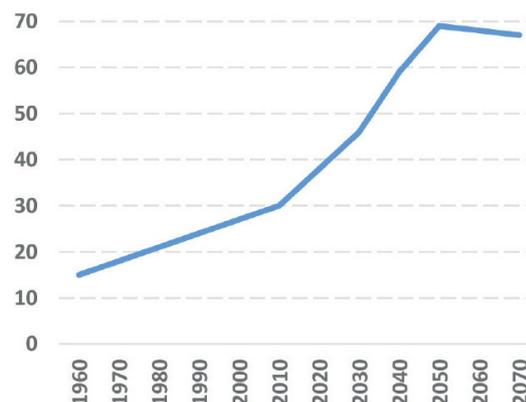
Idade mediana (anos)



Esperança de vida à nascença (em anos)



Índice de dependência dos idosos (%)



Fonte: Elaboração própria, a partir do Eurostat. Alterações demográficas na Europa - Fichas informativas por país: Portugal

Estas mudanças da estrutura demográfica trazem uma série de desafios para os quais as sociedades não estão devidamente preparadas: desde logo, o desafio da família, das reformas, dos lares,

da saúde (ou a falta dela) e, principalmente, o desafio da formação de recursos humanos e de serviços especializados para pessoas idosas.

Ora, a questão que se coloca é saber se a sociedade portuguesa está preparada para responder positivamente às exigências que o aumento da longevidade compromete, já que, como seria de esperar, dos idosos não se espera a produtividade que a sociedade moderna ambiciona; a destreza e a velocidade que a tecnologia anuncia; a autonomia que o ritmo social valoriza ou a beleza exterior que a moda diviniza.

Deitemos um olhar em frente e vejamos o que se passa à nossa volta a partir de três indicadores:

1. Vivemos numa sociedade centrada no sujeito

Os laços primários - ligados à família, à aldeia, ao ofício -, desapareceram e muitos dos laços comunitários - ligados à solidariedade de classe e de pertença religiosa e social - também têm vindo a desvanecer. Em contrapartida, generalizou-se uma cultura mais centrada no indivíduo, no seu bem-estar individual e ancorada no sucesso profissional. Ora, se esta cultura só gira à volta do próprio sujeito, que lugar há para o outro, para o idoso?

2. Vivemos numa sociedade fragmentada em termos familiares

Além da existência de novos modelos familiares, passou-se de uma família extensa, composta por avós, tios, primos, etc., para uma família nuclear, formada quase exclusivamente por pai e mãe e um ou dois filhos e, em muitos casos, para uma família monoparental. A verdade é que, em muitas circunstâncias, os filhos ficam entregues ao cuidado dos avós. Sabemos bem que, em alguns casos, são os avós quem veste, alimenta e educa os netos e isto ocupa grande parte do seu tempo, fazendo com que os avós, em muitas ocasiões, estejam dedicados quase exclusivamente à sua família. Quando os netos crescem e saem de casa, os avós, perdem a função de cuidadores e, num tempo que precisariam de apoio, de carinho e de afeto, ficam desprotegidos.

3. Vivemos numa sociedade que não vive sem tecnologia

Por si só este indicador já é paradoxal com o tempo dos avós, uma vez que, no tempo em que cresceram, não havia televisão e muito menos internet; na escola não havia computadores, quadros interativos ou telemóveis; na cozinha, não havia micro-ondas ou placa de fogão elétrica.... Na verdade, são muitas as barreiras que os idosos encontram nesta área das tecnologias, já que eles não contaram com as Tecnologias de Informação e Comunicação ao longo da sua vida.

Este cenário realça um dado importante na nossa análise: se as pessoas que manuseiam bem as tecnologias se apresentam como sendo a base e a solução produtiva da sociedade e se os idosos não são propriamente detentores de grandes conhecimentos tecnológicos, logo, a sociedade do saber tecnológico veio aumentar a distância entre os incluídos e excluídos digitalmente.

Com estes três indicadores, pretendeu-se evidenciar que a sociedade moderna gera claras vulnerabilidades nos idosos e que é necessário uma nova forma de ser moderno para as resolver.

Não podemos permitir que o nosso modelo social continue a desvalorizar o papel do idoso, como quem desvaloriza a moeda na bolsa. Urge, pois, tratar o idoso com mais afeto, trazê-lo para o debate, dar-lhe condições dignas para que ele seja autónomo, reconhecer-lhe a vida e as vitórias, para que os mais novos saibam que antes deles já houve outros, em cujas tradições ou costumes somos nascidos, de modo que são a nossa origem, o nosso princípio a quem nos devemos ligar.

1. APRESENTAÇÃO DESTE VOLUME

Este livro abre com dois artigos na área do direito que, enquanto conjunto de normas que regulam a vida social, se dedica a garantir a dignidade de todas as pessoas e a mitigar os ativos contraproducentes resultado das ações que põem em causa os direitos de terceiros ou que contudem o bem comum. O primeiro, *O novo regime jurídico do maior acompanhado*, de Conceição Sampaio, parte do princípio de que a razão pode muito bem perder de vista os valores essenciais e, por isso, foi

necessário criar um regime adequado ao enquadramento jurídico-civil. No contexto de uma sociedade cada vez mais envelhecida, em que os idosos podem ver a sua liberdade e a sua própria segurança diminuídas e que, nestes casos, têm que ser devidamente acompanhados, foi importante regular sobre os direitos elementares do idoso e perceber em que grau esses mesmos direitos são realmente elementares.

O segundo texto, intitulado *Da interdição e inabilitação ao novo regime do maior acompanhado*, de Eduardo Sampaio, parte das mudanças sociais, económicas, familiares e legislativas (particularmente no que se refere às questões de saúde mental) ocorridas em Portugal, para mostrar que o regime da interdição e da inabilitação necessitavam de ser atualizados para corresponder às novas exigências que a sociedade tem suscitado, pelo que a substituição daquele regime por um outro modelo de acompanhamento não foi mais do que uma necessidade imperiosa de dignificar a vida das pessoas. Como refere o próprio autor “A maior abertura da sociedade e o desenvolvimento de conceitos como o de cidadania inclusiva levaram a uma alteração da perspetiva com a opção por soluções defensoras da autonomia”. Este texto deixa claro que a fundamentação do direito ou dos direitos do idoso não se dá sem uma correspondente antropologia, no sentido de que não se pode falar do acompanhamento do idoso sem o contacto com o acompanhado, já que ambos integram o mesmo estatuto (sócio)antropológico.

Da área da medicina, o artigo *Envelhecimento e Ortopedia*, de Paulo Cibrão Coutinho, reflete sobre a importância do envelhecimento ativo, acentuando a ideia de que um dos fatores que mais concorre para este envelhecimento é a capacidade de mobilidade do próprio idoso e, quando isso não acontece, está posta em causa a sua autonomia e a sua própria realização, o que aos poucos pode conduzir ao seu declínio. O autor deste artigo passa assim a desenvolver o processo de declínio, primeiramente, e de forma muito breve, ao nível cognitivo e aos sintomas depressivos e, posteriormente, de forma aprofundada, ao nível do desgaste e degenerescência das articulações, processo comumente denominado de artrose.

As questões demográficas, as mudanças comportamentais e as mudanças na área da saúde, bem como as implicações destes processos na reforma, levam António Fonseca a refletir sobre a *Longevidade, reforma e envelhecimento: um triângulo em equilíbrio dinâmico*. Neste texto, o seu autor defende que a vida contemporânea, a sua estrutura e organização, está toda ela perpassada pela ideia de que vamos viver mais tempo. A nossa longevidade, que só se explica de forma multifatorial, põe em causa não só todo o modelo cultural de organização da nossa sociedade, como trará vastas consequências económicas, sociais e políticas.

Os dois últimos textos resultam de trabalhos de campo, em cujas visões teóricas se conjugam exemplos concretos de casos. O texto de Sandrina Ribeiro, intitulado *Adequação às necessidades de prestação de cuidados à população idosa no concelho de Fafe*, procura compreender até que ponto as respostas sociais estão efetivamente a responder às reais necessidades da pessoa idosa. Para isso, a autora, notando que se trata de um estudo exploratório, auscultou os intervenientes no processo, ou seja, os profissionais e os seniores, concluindo que, por um lado, os idosos dizem-se satisfeitos com o contexto no qual estão inseridos e, por outro lado, os profissionais fizeram notar que é importante que as respostas sociais se ajustem às necessidades dos idosos. Esta adequação não se deve limitar ao seu melhoramento interno, mas sim ao envolvimento das várias instituições, inclusive, da própria comunidade.

O último texto deste livro, intitula-se *A importância da realização de atividades como pilar do envelhecimento ativo*, de autoria conjunta de Natércia Carvalho e Eduardo Duque. Este artigo começa por apresentar o processo do envelhecimento a nível biológico, psicológico e social, responsável pelas várias alterações no percurso vital da pessoa, e estrutura-se teoricamente em duas dimensões: a primeira sobre os conceitos fundamentais de envelhecimento e a segunda sobre os cuidados que se exigem com o avançar da idade. Tendo sempre na mira a avaliação da importância e do impacto da realização de atividades na vida do idoso que se encontra institucionalizado, este

artigo procura também analisar as emoções dos idosos face ao envelhecimento, bem como o conhecimento que eles têm sobre o envelhecimento ativo. Com o recurso a uma abordagem qualitativa, os autores concluíram que o envelhecimento saudável depende muito das dinâmicas que os idosos desenvolvem, facto que se comprovou estar também relacionado com o sentimento de realização pessoal e de melhoria do estado de saúde.

1. AGRADECIMENTOS

Chegados aqui, não podemos deixar de exprimir a nossa gratidão aos colegas que contribuíram para a realização desta obra que, de forma tão generosa, anuíram, desde o primeiro momento, ao nosso convite, deixando a sua visão sobre uma problemática tão ampla e multidisciplinar como é o envelhecimento.

Queremos também agradecer a cooperação de diferentes instituições na publicação deste livro, particularmente, à editorial Caritas que de imediato abraçou o convite que a Comissão de Proteção ao Idoso lhe dirigiu para a respetiva publicação.